



Jornalismo que faz história: a construção da memória dos 50 anos do Projeto Rondon

Caroline Maria BECCARI¹; Sônia Regina Schena BERTOL²

Resumo: Há 50 anos germinou a semente de um projeto cujas raízes estão mais sólidas e fortes a cada ano, o Projeto Rondon. Com a missão de revelar aos professores e universitários o verdadeiro Brasil, que está muito além dos livros, esse Projeto já transformou realidades e mentalidades tanto de quem doou o conhecimento adquirido nas salas de aula quanto de quem recebeu essas instruções e retribuiu com o seu próprio saber popular e cultural. E para que hoje, 50 anos depois da primeira Operação, essa memória Rondon pudesse ser comemorada e revivida foi necessário que futuros ou já profissionais da comunicação registrassem das mais diversas formas essa história. Assim, o fazer jornalístico com fotos, audiovisuais, textos e, na atualidade, redes sociais, permite a construção da memória do Projeto Rondon que merece ser eternizada para todas as gerações de rondonistas.

Palavras-chave: Projeto Rondon; História; Identidade; Jornalismo; Memória

Abstract: Fifty years ago, the seed of a project germinated, and has been growing stronger with each year, the “Projeto Rondon”. With the mission of revealing to professors and academics the real Brazil, which is way beyond books. This Project has changed realities and mentalities of both of those who have donated the knowledge acquired in the classrooms and of those who received these instructions and reciprocated with their own popular and cultural knowledge. And so that today, 50 years after the first Operation, this memory of Rondon could be celebrated and revived, it was necessary that future or already communication professionals registered, with the most diverse forms, this history. Thus, the journalistic work with photos, audiovisual material, texts and, at present, social network, allows the construction of the memory of the “Projeto Rondon” that deserves to be eternalized for all generations of Rondon participants.

Keywords: Projeto Rondon; History; Identity; Journalism; Memory

¹ Acadêmica do sétimo nível do curso de Jornalismo na Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS.

² Docente da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS.

Introdução

Joe é um homem comum que ao descobrir que sua ex-namorada se submeteu a um processo experimental para apaga-lo de sua mente decide passar pelo mesmo tratamento. Mas, no meio do processo Joe percebe que não quer esquece-la. Essa é a história narrada no filme “Brilho eterno de uma mente sem lembranças”, dirigido por Michel Gondry e lançado em 2004. Uma obra da sétima arte que vale a pena ser assistida pelas grandes indagações acerca da complexidade de nossa memória. O que queremos esquecer e o que queremos lembrar? Como fazer isso? E o que o Projeto Rondon tem a ver com essa temática? Pois bem, uma premissa é verdadeira, quem já foi rondonista jamais será o Joe ou sua ex-namorada na história. Afinal, afirmam que cada lembrança é construída e preservada com imensas doses de carinho e paixão pelo que representa o projeto na vida de quem teve a chance de vivenciá-lo.

E dessa maneira, para que cada momento vivido nessa experiência de se doar se torne grandes lembranças, memória e história do Projeto, entra em cena as habilidades de uma profissão, o jornalismo. Uma das facetas do profissional jornalista é justamente registrar o que acontece hoje para que quem reside no presente possa estar atento aos fatos que acontecem ao seu redor e para que no futuro esses acontecimentos possam ser relembrados. Ou seja, é a comunicação a permitir que se construa a memória e, consequentemente, se escreva a história de Projetos como o Rondon, aqueles os quais jamais serão delegados ao esquecimento.

Assim, a partir desse artigo propõe-se a análise do papel do jornalismo na construção dos 50 anos de história do Projeto, fundamentado no trabalho das equipes de comunicação social das Operações do Rondon. Para, desse modo, compreender a importância desses registros na construção dos arquivos de fotografia, vídeos e informações que permitem, meio século depois, comemorar e relembrar cada elemento da história desse Projeto duradouro, fruto da união entre Universidades, Ministérios, Forças Armadas, Prefeituras e habitantes de cada cidade contemplada com o Projeto Rondon. São esses atores que formam uma nova família, a comunidade rondonista.

1 Livro de lembranças: o jornalismo como ferramenta de construção da história e memória

“Em tempos líquidos, nos quais importa a velocidade e não duração, onde fica a memória?” (PALACIOS, 2010, p. 38). É com esse questionamento que Palacios (2010) vêm pregar uma peça na, já complexa, mente humana, ao trazer a reflexão sobre a importância que é dada para as lembranças. E desde os ancestrais, no passado remoto do neolítico, o ser humano já construía memória, mesmo que despreziosamente, ao rabiscar a pedra das cavernas com o desenho das espécies que habitavam a terra. Marcas da sua existência e de um passado que se tornou fonte história para se entender o presente (PALACIOS, 2010). Dos rabiscos às fotografias, vídeos, livros, “lugares de memória” (NORA, 1993 apud PALACIOS, 2010) para onde as lembranças são levadas a fim de serem redutos de uma história de vivências culturais, políticas, emocionais. Então, se percebe o papel do jornalismo, desde os anos modernos, como ferramenta de produção de registros do cotidiano para posterior reconstrução histórica e conservação de memória.

Assim, Palacios (2010) prossegue enfatizando que o jornalismo é memória no ato, plantada no espaço, em imagens, em objetos. O presente que é vivenciado, transformado em notícia de hoje, amanhã será passado relatado e possível memória para o futuro. Um passado registrado que era renovado a cada dia e que, hoje, nem se interrompe mais, mas segue o fluxo contínuo e ininterrupto de coberturas jornalísticas de 24 horas por dia e sete dias por semana. E para exemplificar o relato de coberturas jornalísticas que se tornaram marcos na história e, de fato, livro de memória, tem-se a obra de Euclides da Cunha, “Os sertões”, cujo papel inicial foi de relato cotidiano de um acontecimento factual, mas que ao passar do tempo tornou-se marco da literatura histórica ao narrar um fato, um território ignoto, com uma narrativa típica Euclidiana, que esmiuçava cada detalhe do ambiente, das pessoas, das ações as quais presenciou. (MOREIRA, 2010) Assim, Euclides da Cunha não apenas produziu jornalismo para cobertura jornalística, mas escreveu um capítulo da história brasileira ao registrar a memória social daquele povo sertanejo e as situações as quais vivenciavam. Como cita Moreira (2010), os historiadores que analisam os documentos cujas linhas compõe a história, desde a década de 1960, percebem a relevância de relatos como o de Euclides, baseado na oralidade, para a construção do curso na história. Desse modo, mesmo os

historiadores que se debruçam sobre períodos anteriores aprendem com o movimento da história pela oralidade embutida nos registros.

Mas, como afirma Reis (2007), atualmente, a concepção histórica de memória vai além do registro e da contemplação das lembranças dos fatos que passaram, pois, mais que isso se dá a construção de referenciais sobre o que grupos sociais são hoje e o que foram no passado. Dessa forma, ela traz a indagação “como considerar a memória para a construção de uma interpretação histórica? ” (REIS 2007 p. 35).

E talvez, Palacios (2010) já responda esse questionamento, quando ele enfatiza que a memória é por natureza múltipla e coletiva, pluralizada e individualizada, assim, oferece muitos passados relatados, sejam esses relatos conflitantes, contraditórios ou que se completam. Assim, permite a formatação de uma história baseada na pluralidade de relatos. E essa multiplicação de memórias, complementa Reis (2007) é impulsionada pelas impressões individuais em um contexto coletivo, desse modo, permite a construção de uma memória social ampla, descritiva de determinada época ou contexto social. Como se biografias de indivíduos sociais contribuíssem para o registro de memórias que posteriormente congregadas formularão a história de um povo em determinado contexto, com seus aspectos políticos, econômicos e culturais devidamente contemplados.

Schmidt (1997) já destaca em seus escritos a importância de escolher personagens biográficos que representem de fato o contexto de sociedade em sua totalidade. Como ele diz “não apenas os ‘grandes homens’ merecem ser contemplados, mas, também, as pessoas comuns, a ‘gente miúda’”. Assim, a autora Oliveira (2008) vem para agregar conhecimento na questão da construção da identidade de um grupo social para perceber a centralidade do conceito de memória. Pois, é estreito o laço entre a memória e a relação de pertencimento. Ela, a memória, fortalece o sentimento de identidade dentro de um grupo. Ou seja, o indivíduo se percebe inserido no coletivo quando ele se identifica em determinadas narrativas construídas a partir dos relatos do passado. Desse modo, os relatos, a narrativa são a referência de continuidade no tempo e espaço desse povo ao qual o indivíduo pertence. Oliveira (2008) define a relação entre memória e história:

A memória pode ser considerada, assim, um elemento fundamental para garantir certa coesão social e cultural de um grupo, sendo garantia de sua própria identidade. Nesse sentido, ambos os conceitos devem ser entendidos

como um duplo indissociável: sendo fenômenos que se atravessam, não se pode falar de um sem recorrer ao outro (OLIVEIRA, 2008, p. 1-2).

Oliveira (2008) frisa, também, que é importante lembrar da identidade não como um ser fixo, imutável, mas que pode sim se alterar com o passar do tempo, dessa maneira a memória colabora para que esse processo de ressignificação e reconstrução diária da identidade seja continuamente registrado e se perceba as transições, os porquês das mudanças. Em último grau a própria narrativa dessa identidade social contribui para moldar a memória. No decorrer desses registros é possível perceber o esforço dos agentes sociais para construir a história de seu grupo, estruturar sua identidade com coerência, coesão e de forma continuada. Oliveira ainda explica que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir as experiências do passado, com imagens e ideias do presente” (OLIVEIRA, 2008, p.3)

A lembrança, dessa forma é uma imagem do que percebemos no passado e guardamos para hoje trazer à tona. São as relações sociais, ideias, hábitos, valores de um grupo, de fatos, de pessoas, de lugares e até mesmo projetos dos quais fizemos parte e queremos nos recordar. Assim, segundo Palacios (2010), o jornal e o que nele está escrito não serve apenas para embrulhar peixe no outro dia, mas transforma-se, sob o olhar de um historiador, em uma fonte de memórias e ocupa seu lugar ao lado de tantos outros documentos, como as fotos, os vídeos. E, “incorporada no relato histórico, a memória deixa de ser memória para ser provisória verdade: verdade histórica, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação” (PALACIOS, 2010, p. 4).

O usuário final desse material pode também recorrer a esse passado arquivado para, fácil e rapidamente, contextualizar a atualidade e explicar os acontecimentos do hoje. Pois, como nos situa Reis (2007), a emergência da informação se tornou primordial no contexto no qual as tecnologias se aprimoram em segundos. Assim, são produzidos relatos de realidade instantaneamente. Cabe ao jornalismo, então, a perspectiva do tempo presente, da notícia fresca, dos fatos recém acontecidos para compor arquivos, documentar. A memória passa a coexistir com a urgência do presente (REIS, 2007). A mídia propicia a divulgação dos atos, palavras e acontecimentos, democratizando-os, tornando-os públicos. E nesse ato de documentar acaba por ser uma fonte de pesquisa histórica inquestionável.

E de que maneiras o jornalismo captura memórias e constrói a história? São textos, audiovisuais e elas, as fotografias. As quais merecem um aprofundamento especial pois é reservado a elas o eternizar do momento presente, instrumento que captura a “memória documental concebida em toda sua amplitude” (BAUDELAIRE apud MAUAD, 1996, p. 2). O sujeito que olha a imagem pode ver muito além de sua gênese automática, de analogia a realidade, mas se envolve com o ato eternizado, investe suas emoções nessa leitura. Por isso, como cita Mauad (1996), as pessoas apreciam as fotografias, as colecionam em álbuns onde elas acabam por formar uma narrativa de vida, a marca da existência de pessoas conhecidas, de fatos que aconteceram, de chegadas e de comemorações.

Desde a sua descoberta até os hoje a fotografia acompanha o mundo contemporâneo, registrando a história numa linguagem imagética. Histórias múltiplas, de grandes ou pequenos eventos, famosas ou anônimas, lugares distantes, exóticos, simples ou rebuscados demais. A sensibilidade de quem as faz é o que define a carga de emoção que tal foto vai representar, mas mais do que o fotógrafo, quem está registrado ali vai fazer dessa fotografia um memorial de sua vida, de seu passado. Desse modo, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social, de uma mensagem que continua ao longo do tempo, cujos contextos e locais ocupam o interior da própria mensagem e cujo enquadramento fica registrado e gera uma significação representativa desse contexto (MAUAD, 1996).

Como um texto, porém imagético, a fotografia se permite ser lida, compreendida e porque não, sentida. Para sua produção, contudo, são necessários dois elementos fundamentais, como afirma Mauad (1996), e parte de dois segmentos: a expressão e o conteúdo. A expressão diz respeito aos aspectos técnicos que precisam ser levados em consideração, como enquadramento, iluminação, cor, contraste. Já o segundo, se vale das pessoas, objeto, lugares e vivências que vão compor a fotografia. Ambos elementos unidos vão construir a imagem, compor o todo fotográfico para dar sentido ao que se vê impresso.

Por isso, historicamente, a fotografia compõe a textualidade de uma época definida e assim, serve como memória e elemento de construção histórica. Ultrapassando, assim, um mero aspecto de ilustração para compor séries de sentido. Elas guardam na sua

superfície a marca de um passado consumido. E, além disso, se permitem guardar como relíquias de momentos que marcaram vidas, sendo agora elas próprias, marcas históricas.

Mauad (1996, p.15) afirma que “toda a imagem é histórica”. E cada foto traz uma história arraigada compondo através de sua significação a cultura de um povo. Dessa maneira, revela Meneses (2010), se o passado era tido como tempo morto e o presente o tempo da não-história, para o jornalismo ocorre o oposto. O passado é a base de interpretação do presente e este é o lugar do início de uma história.

Seja através de fotos, de vídeos, ou palavras escritas o jornalismo tem importante papel na captação da memória e posterior construção da história, como o texto decorrido até aqui pode confirmar. Mas não apenas as letras rabiscadas no papel comprovam essas teorias, não apenas os autores que observam podem ilustrar esse papel do jornalismo, mas na prática, dentro de um Projeto, que já completa seus 50 anos, pode-se ainda mais perceber o valor de um registro. Pois, passa o tempo e a cada segundo seguinte essas memórias detêm maior significado. Uma lembrança que tem em seu testemunho em fotos, as quais passarão para sempre a carregar significados múltiplos intensos do que desbravaram, conheceram e se inseriram como rondonistas. Pode-se entender que uma foto para quem viveu o Projeto Rondon tem o apreço de uma verdadeira relíquia.

2 Memória Rondon: registros de 50 anos do Projeto que ensina lições de vida e de cidadania

Em 11 de julho de 1967 uma semente de cidadania e de colaboração foi plantada no território federal de Rondônia. Naquele momento uma equipe com 30 universitários e dois professores de instituições do antigo Estado da Guanabara foram conhecer de perto a realidade daquele lugar e entender de que maneira eles poderiam ajudar aquelas populações carentes de atenção e alternativas para transformar a vida sofrida para uma com mais dignidade. Essa missão, a primeira, durou 28 dias e foi denominada “Operação Zero”. Mas a contagem estava apenas começando, pois, esse grupo após o retorno de Rondônia iniciaram um movimento para que essas ações continuassem, germinava nesse instante a semente do Projeto Rondon.

O nome, em homenagem ao bandeirante Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, deu-se por expressar o caráter desbravador e de coragem de jovens universitários e seus professores que desde 1967 abnegam de suas férias, conforto e convivência com a família, para dedicar tempo, conhecimento e amor nesse Projeto que se propõe a mudar a realidade de comunidade com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH). Assim, os universitários deixam suas salas de aula para conhecerem um Brasil que vai muito além do que está escrito nos livros e através do conhecimento que possuem possam formar multiplicadores em cada lugar por onde passarem. Pessoas da comunidade que levarão a diante o trabalho iniciado por estes acadêmicos nesses locais. E formam, assim, uma nova família, uma nova comunidade, a rondonista.

Pelo Decreto nº 62.927, de 28 de junho de 1968, o Projeto Rondon foi documentalmente estabelecido, subordinado ao Ministério do Interior. Outras alterações burocráticas foram feitas e após extinção em 1989 o Projeto Rondon retorna em 2003 reformulado, sob responsabilidade de um grupo de trabalho interministerial, composto por representantes do Ministério da Defesa (MD), coordenador, do Ministério da Educação, do Ministério da Integração Nacional, do Ministério da Saúde, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, do Ministério do Desenvolvimento Social, do Ministério do Esporte, do Ministério do Meio Ambiente e da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Dessa maneira, o Projeto Rondon segue até hoje se propondo a fortalecer a cidadania dos estudantes universitários e promover o bem-estar social, a qualidade de vida e sustentabilidade de comunidades que necessitam de políticas públicas fortalecidas. E para que essa história fique guardada na memória de quem fez parte do Projeto e possa ser constantemente lembrada e revista, o jornalismo, como explanado anteriormente, tem o papel de fazer os registros de cada momento das operações que compõe cada um dos capítulos dessa história.

As equipes que participam do Projeto são divididas em grupos: 1) o Conjunto A – que envolve as áreas de cultura, direitos humanos, justiça, educação e saúde; 2) o Conjunto B – que envolve comunicação, meio ambiente, tecnologia e produção; e 3) o Conjunto – que é um grupo especial, responsável pela cobertura jornalística das atividades que os outros dois grupos promovem nas comunidades. Dessa forma, o comprometimento

e a dedicação de ambos os grupos em cada cidade é o que define o sucesso de cada operação.

O Grupo C, ComSoc (Comunicação Social), como mencionado, é responsável pelos registros das atividades da Operação. Desde a preparação das Instituições de Ensino Superior, na fase pré-operação, até o abraço da despedida, os futuros jornalistas, publicitários, designers, ou seja, futuros profissionais da comunicação, se unem na missão de registrar cada momento de tudo que é vivido no Projeto Rondon. Mas, mais do que apenas fazer a foto, gravar o vídeo, redigir o texto, esses rondonistas precisam em cada material desse colocar todo o significado do que é vivenciar o Rondon. E se tratando de um projeto que todos que fizeram parte se limitam a dizer que “Rondon não se explica, se vive” ter nas mãos essa tarefa, a de justamente, transpassar através de imagem, som, palavras toda a doação, o carinho, o conhecimento, o envolvimento e a colaboração de cada protagonista dessa história Rondon é uma tarefa desafiadora.

Porém, é preciso ter corajosos que se coloquem a disposição desse trabalho, para que, 50 anos e mais, sejam contados, recontados, lembrados através desses materiais produzidos com a técnica de jovens futuros profissionais e com a emoção de rondonistas apaixonados pelo Projeto. Dessa forma começa aqui essa retrospectiva na história desse meio século de Rondon, ao se trazer a imagem da primeira operação do Projeto, que nesse dia nem se configurava como tal, mas que mesmo sem a certeza do que estariam plantando, esses homens da fotografia propuseram dar ao Brasil aos seus brasileiros.

Foto: Operação Zero - 1967



Fonte: Arquivo Projeto Rondon

Começa nessa a foto a comprovação da importância de registrar cada momento desse Projeto. Olhar para essa imagem cinquentenária é ter o marco do início de uma nobre missão, a de promover a cidadania em todos os aspectos e para todos os envolvidos, rondonistas ou comunidade. Estampados no enquadramento estão aqueles que tiveram a iniciativa de criar um projeto que busca em seus objetivos fazer mais pelo Brasil.

E, assim, a história Rondon prossegue. Nas imagens seguintes os capítulos seguintes desse livro de vida e cidadania com os registros de operações seguintes a “Operação Zero”. Os números seguiram contagem.

Foto: Operação Acre - 2005



Fonte: Arquivo Projeto Rondon

Nessa Operação, realizada em seis municípios do estado do Acre, em 2005, participaram doze instituições de Ensino Superior. Foram realizadas campanhas educativas relacionadas com a proteção dos direitos da criança, do adolescente e do idoso, elaborados projetos técnicos de engenharia e de saneamento ambiental, capacitação de recursos humanos das Prefeituras em gestão pública e em gestão de projetos. E essas são apenas algumas das atividades aplicadas, que só podem ser hoje lembradas por que foram registradas na memória de quem as vivenciou e no livro da História Rondon.

E não são apenas as fotografias que guardam a memória desse Projeto. Nas palavras desse trecho de uma reportagem produzida para o site oficial do Projeto Rondon, estão muito mais que apresentadas as atividades realizadas nos municípios, mas a cultura, o ambiente, as pessoas que pertencem aquele lugar, o que traz à tona os conceitos de que registrar a memória é, de fato, construir a identidade de um povo, que através dessa ou das tantas outras reportagens produzidas no Projeto Rondon puderam “se ver” e “ver seu lugar” nas linhas escritas.

Figura 1: Trecho de reportagem da “Operação Forte dos Reis Magos” - 2016

Rondonistas da UENP e da UEMS realizam atividades na área urbana e na área rural do município de Acari

A 215 Km da capital Natal uma cidade acolhedora recebe de braços abertos os rondonistas paranaenses e sul-mato-grossenses. O calor humano supera, até mesmo, a quentura da terra que clama por chuva. É Acari, cidade que recebe o título de mais limpa do Brasil. Lugar onde a água é racionada, mas conhecimento, história e motivação parecem brotar de cada cidadão acariense.

O ar é carregado de criatividade na tenda cultural localizada na praça central de Acari. De manhã, quase 11 horas, e Fafá, como é conhecida a fotógrafa Fátima Araújo, já estava envolvida com as linhas, agulhas e tecidos. A oficina de artesanato coordenada pelos alunos e professores da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) é uma das maneiras de ensinar um ofício que possa gerar renda para as famílias do município.

Fonte: Arquivo Projeto Rondon

E, não para nas imagens estáticas ou nas linhas traçadas a construção da memória e consequente história das Operações nesses 50 anos do Projeto Rondon. Também, o audiovisual foi responsável por registrar os instantes de participação. Seguem imagens de trechos do vídeo final da “Operação Forte dos Reis Magos”, de 2016, para frisar, mais uma vez, o caráter de registro dos atores envolvidos no Projeto, da cultura da região que recebeu os rondonistas e identificação do lugar através da paisagem.

Figura 2: Rondonistas e Exército



Figura 3: Tenente do 16º BIMtz



Fonte: Arquivos Projeto Rondon

Figura 4: Atividades

Figura 5: Poeta nativo



Fonte: Arquivo Projeto Rondon

Figura 6: Ambiente de Acari - RN



Fonte: Arquivo Projeto Rondon

Na Figura 2 é possível observar dois dos atores do Projeto, integrantes das Instituições de Ensino Superior (acadêmicos e professores) e um integrante do Exército, o anjo, que ajuda os rondonistas em toda logística na cidade. Na Figura 3, mais uma vez exemplificado a presença do Exército, assim, das Forças Armadas, na operacionalização da Operação. Na “Forte dos Reis Magos” a parceria foi com o 16º Batalhão de Infantaria Motorizado de Natal. Já na Figura 4, o enquadramento revela as atividades realizadas na comunidade, com a participação dos cidadãos. A Figura 5 é a marca da cultura e da identidade do povo nordestino na imagem do poeta Valdemar, que em verso narrou a vida no Nordeste. E, por fim, na Figura 6, a imagem revela o ambiente do Seridó, região que recebeu o Projeto Rondon com suas peculiaridades de clima e de paisagem.

É a “Operação Forte dos Reis Magos” sendo registrada em sua totalidade por imagem, som, texto. Memórias que devem estar guardadas na mente de quem teve a oportunidade de fazer parte dessa operação e, também, através do trabalho da equipe de ComSoc, está à disposição para relembrar nos arquivos online e físico do Projeto. Essas memórias já se tornaram história do Projeto Rondon.

Considerações finais

Um projeto que se propõe a ensinar lições de vida e cidadania. Afinal, ensinar uma profissão a um jovem é tarefa executada com maestria nas universidades Brasil a fora, mas ensinar lições de ser na condição de cidadãos é uma tarefa que o Projeto Rondon demonstra ser capaz de cumprir, é missão. Assim, vê-lo chegar aos 50 anos de história pode-se dizer que é satisfação para os que já o vivenciaram e expectativa redobrada para os que ainda vão ter a oportunidade de ser Rondon. O jornalismo, com base no trabalho das equipes de comunicação social das operações, se revela, como já observado, necessário para registrar memórias e construir essa história.

Mais de 2 milhões de pessoas foram impactadas em meio século de Projeto. Desde 2005, ano da reformulação do projeto, já foram realizadas 76 Operações. Números que simbolizam união. Números que contam história. Números que irão crescer a cada ano. Mas, apesar de existirem contas nesse projeto, há um elemento que não pode ser contabilizado, os sentimentos que cada rondonista, do hoje, do ontem e do amanhã, vão sentir pelo Projeto Rondon. Sentimentos no Rondon não se dimensionam, pois podem extrapolar os limites numéricos. E quem criou esse conceito foram os para sempre rondonistas, aqueles que não importa o tempo, são hoje, um pedaço essencial desse aniversariante cinquentão.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Defesa. **Projeto Rondon**. Disponível em <<http://www.projektorondon.defesa.gov.br/portal/>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. MATRIZES, v. 4, n. 1, p. 37-50. São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1430/143016764002.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo Biografias ...** Historiadores e Jornalistas: aproximações e Afastamentos. Revista Estudos Históricos, v. 10, n. 19, p. 3-22. 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **Terra ignota**: sertão, memória e oralidade na obra de Euclides da Cunha. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: Histórica e Política. 2010. Disponível em: <
http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269150156_ARQUIVO_TERRAIGNOTA-SERTAO,MEMORIAEORALIDADENAobraDEEUCLIDESDACUNHA.pdf>
Acesso em: 16 jul. 2017.

REIS, Flávia Florentino Marcondes dos. **Jornalismo e história**: fonte, memória e interdisciplinaridade. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <
<http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1704>> Acesso em: 14 jul. 2017.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de. **Memória e identidade no jornalismo**: o capital simbólico dos agentes e a autoridade para fixação de narrativas. In: Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói. 2008. Disponível em: <
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Memoria%20e%20identidade%20no%20jornalismo.pdf>>.
Acesso em: 16 jul. 2017.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: fotografia e história interfaces. Tempo: Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, p. 73-98.1996. Disponível em: <
<http://xa.yimg.com/kq/groups/20486128/1422449897/name/Fotografia.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

MENESES, Sônia. **A história midiaticizada**: os desafios colocados por um novo idioma histórico entre a mídia, a memória e a história. In: X Encontro Nacional de História Oral. Recife. 2010. Disponível em: <
http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1268705934_ARQUIVO_ahistoriamidiaticizada.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2017.